



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

GIANI MENDES LARA

**TECEDURAS DE HISTÓRIA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO: RENDA
IRLANDESA E PATRIMÔNIO CULTURAL SERGIPANO**

**SÃO CRISTÓVÃO
2025**

**TECEDURAS DE HISTÓRIA, IDENTIDADE E PERTENCIMENTO: RENDA
IRLANDESA E PATRIMÔNIO CULTURAL SERGIPANO**

GIANI MENDES LARA

Trabalho de Conclusão de Curso para
obtenção do diploma em Licenciatura
Plena em História, correspondente ao
período letivo de 2024.2 da Universidade
Federal de Sergipe (UFS).

Orientação: Prof. Dr. Claudefranklin
Monteiro Santos

**SÃO CRISTÓVÃO
2025**

Resumo: O presente artigo faz um balanço histórico do processo de patrimonialização da Renda Irlandesa em Sergipe, seja ao nível de Assembleia Legislativa do Estado, seja ao nível do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Visa também, demonstrar a importância deste bem cultural, tanto para as mulheres que lidam com este tipo de técnica de tecer, como também enquanto referência identitária sergipana. Para tanto, destaque, sobretudo, o papel da antropóloga Beatriz Góis Dantas, que dá visibilidade ao bem e às suas personagens e colaborar para o seu reconhecimento enquanto patrimônio cultural imaterial sergipano e brasileiro.

Palavras-chave: Renda Irlandesa – Patrimônio Cultural – Beatriz Góis Dantas

Abstract: This article provides a historical overview of the process of patrimonialization of Irish Lace in Sergipe, both at the level of the State Legislative Assembly and at the level of the Historical and Geographical Institute of Sergipe. It also aims to demonstrate the importance of this cultural asset, both for the women who work with this type of weaving technique and as a reference to Sergipe's identity. To this end, we would like to highlight the role of anthropologist Beatriz Góis Dantas, who gives visibility to the asset and its characters and collaborates in its recognition as intangible cultural heritage of Sergipe and Brazil.

Keywords: Irish Lace – Cultural Heritage – Beatriz Góis Dantas

Apresentação

A renda, enquanto arte manual e manifestação cultural, representa muito mais do que uma técnica de ornamentação: carrega consigo memórias corporais, tradições reinventadas e identidades construídas coletivamente. Em Divina Pastora, no interior de Sergipe, os fios tecidos pelas rendeiras entrelaçam histórias de resistência, pertencimento e criatividade cotidiana. A renda irlandesa, de origem europeia, atravessou fronteiras geográficas e temporais até ser apropriada por mãos sergipanas, que a transformaram em um patrimônio vivo e singular.

Chegando ao Brasil em um contexto marcado por transformações sociais e econômicas, essa prática encontrou, em Divina Pastora, um espaço fértil para enraizar-se e renovar-se. Transmitida de geração em geração, sobretudo entre mulheres, a renda consolidou-se como parte essencial da cultura local, fonte de renda e expressão de um saber-fazer predominantemente feminino que resiste às pressões do tempo.

Este trabalho propõe uma análise da renda irlandesa como patrimônio cultural imaterial, considerando suas origens, processos de adaptação, modos de produção e o reconhecimento institucional por parte de órgãos como o IPHAN. Ao articular técnica, memória e território, busca-se compreender os significados sociais e simbólicos dessa prática, seus impactos na economia criativa e sua importância como marcador de identidade. Destaca-se, ainda, a contribuição de estudiosas como Beatriz Góis Dantas, cuja obra tem sido fundamental para a valorização e compreensão da renda enquanto expressão da cultura popular brasileira.

1 - Breve histórico da renda

As rendas surgiram como aperfeiçoamento dos bordados, após a invenção das agulhas. O bordado passou por diversas transformações técnicas e uso de diferentes pontos e suportes até a criação das rendas, isso se deve muito à evolução dos materiais utilizados que passaram a ser industrializados.

Algumas técnicas serviram de base para o desenvolvimento de outras formas de bordado e mais tarde de rendas. Inicialmente eram confeccionados utilizando os tecidos como suporte que eram preenchidos com pontos feitos de linha criando um relevo que enfeitava o tecido.

Posteriormente as técnicas foram avançando até chegar a bordados como o ponto vazado/cortado, conhecida como renda Richelieu por exemplo. Bastante utilizado durante o período renascentista, esse tipo de bordado envolve a remoção de partes do tecido, realçando os contornos e dando destaque ao desenho por meio dos espaços vazios. O bordado *fili tirati*, também conhecido como renda de crivo ou renda labirinto usa a técnica do desfiamento do tecido que consiste em desfiar partes dos fios da trama para criar os desenhos.

Com a redução do suporte de tecido, surgiu o conceito de ponto no ar, onde o bordado se sustenta sem tecido base, utilizando apenas agulha e linha.

Essa técnica se difundiu na Itália, mais precisamente na região de Veneza e é importante, principalmente porque marcou o estabelecimento da produção de rendas autônomas influenciando diretamente no desenvolvimento de outras formas de renda, como a renda veneziana, a renda de bilro e a renda irlandesa.

Os dois tipos mais comuns de renda são a de bilro que é criada pelo manuseio de bilros ligados a fios que tecem a peça e a de agulha e linha que segundo Nair Maria Becker, no livro *Rendas: manual de tecnologia*, citado no Dossiê (IPHAN, 2009, p.52), “...os dois tipos mais comuns de rendas feitas com agulhas e linhas são: a Veneza, Colbert, Alençon e a renda de agulhas feita com fitilho que são a renascença, milão e brunges”.

A origem histórica da renda irlandesa está ligada às iniciativas surgidas na Europa, especialmente na Irlanda, a partir do século XIX, com o propósito de preservar a produção artesanal diante da crescente mecanização provocada pela Revolução Industrial. Em um contexto de crise econômica e desemprego, principalmente entre mulheres, sob a proteção de Margarida de Savóia instituições religiosas e filantrópicas passaram a incentivar o ensino da renda como forma de garantir renda e manter vivas técnicas manuais ameaçadas pelas novas tecnologias têxteis. (IPHAN, 2009, p.45). A arte ganhou destaque e foi difundida para diversas partes do mundo por meio de missões religiosas e iniciativas de ensino técnico voltadas para mulheres.

A técnica da renda irlandesa tradicional foi descrita na Encyclopédie des Ouvrages de Dames¹ publicado por Therèse de Dillmont, a versão francesa era a mais utilizada pelas religiosas que segundo algumas rendeiras locais difundiram a técnica.

A renda irlandesa tradicional usava em sua origem o fitilho, peça que as rendeiras de Divina Pastora substituíram aos poucos pelo lacê, que é a característica mais marcante da renda irlandesa sergipana.

A cidade de Divina Pastora

Com pouco mais de 4.300² habitantes e extensão territorial de 90.508 quilômetros quadrados. Seus limites são os municípios de Santa Rosa de Lima, Riachuelo, Nossa senhora das Dores, Rosário do Catete e Maruim a cidade berço da renda irlandesa no Brasil se localiza a 39 km da capital sergipana, Aracaju.

Divina Pastora é também reconhecida por sua manifestação de fé. Em 1781, missionários capuchinhos italianos, em suas expedições pelos sertões da Bahia e Sergipe, introduziram a devoção à Virgem Pastora na região. No ano seguinte, em outubro de 1782, a imagem da santa foi trazida, fortalecendo uma tradição religiosa que se mantém viva até os dias atuais. No terceiro domingo de outubro ocorre a peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora Divina Pastora. Este evento atrai fiéis de diversas partes do estado e também do país, o caminho dos peregrinos é uma jornada de devoção, penitência e religiosidade.

Além de seu patrimônio religioso, a cidade destaca-se pela extração de petróleo e principalmente pela produção da renda irlandesa que ainda na atualidade mescla técnicas antigas às atuais em sua feitura o que dá esse aspecto único na arte final.

A Renda Irlandesa em Sergipe

Não há um consenso sobre a gênese da renda irlandesa em Sergipe. Uma das versões sugere que a técnica chegou aqui pelas mãos de freiras irlandesas que vieram à região para ensinar catequese. Segundo Beatriz Góis Dantas (1989). a renda irlandesa chega nos colégios católicos de Sergipe no início do século XX, com freiras irlandesas

¹ Publicada pela primeira vez em 1886 a enciclopédia tornou-se uma referência no campo dos trabalhos manuais femininos, cobrindo uma vasta gama de técnicas de bordado e outras artes, trazia também gabaritos de desenhos que serviam de inspiração.

² Dados obtidos do último censo divulgado em 2023 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

que vieram desenvolver atividades religiosas e pedagógicas junto à população feminina local. Muitas sinhás já tinham acesso a arte de bordar pois aprendiam por meio das publicações de trabalhos manuais que chegavam da Europa (DANTAS, 2001) como a já mencionada a *Encyclopédie des Ouvrages de Dames*.

A outra versão, essa registrada por Lourdes Cedran³ em 1979, indica que a renda irlandesa foi introduzida em Sergipe por Dona Ana Rollemberg, uma senhora da aristocracia açucareira de Sergipe que a aprendeu com Violeta Sayão Dantas⁴. Donª Ana ensinou a técnica a Julia Franco, que, por sua vez, transmitiu o conhecimento a outras artesãs locais, como as irmãs Marocas⁵, Sinhá⁶ e Ercília, oriundas de camadas sociais de base e/ou inferiores. Especula-se que as relações domésticas contribuíram para o repasse dessa arte às antigas escravizadas. “*Abolida a escravidão, as relações entre as pessoas ganham novo estatuto jurídico, mas os vínculos formados na convivência diária prolongam, reelaborando-se novas formas de dependência e/ou colaboração*”. (Dossiê IPHAN, pag.47)

O ensino dessa técnica se consolidou e se aprimorou em algumas comunidades sergipanas, principalmente em Divina Pastora, tornando-se parte importante da cultura e identidade local.

A renda irlandesa de Sergipe destaca-se por sua originalidade. Embora mantenha o modo de fazer tradicional da renda de agulha europeia vai se afirmando cada vez mais como um saber construído localmente. Ao longo do tempo, incorporou influências regionais e evoluiu em sintonia com a indústria de matéria-prima, sendo moldada sobretudo pela criatividade das rendeiras, a notar pelo número extenso de pontos que é constantemente incorporado à feitura das peças. “...a gente faz ponto novo, olha nas revistas, pega de outras rendas e modifica. Isso enriquece a costura!”⁷

³ Lourdes Cedran foi uma museóloga brasileira que desempenhou um papel significativo na documentação e preservação da renda irlandesa em Divina Pastora, Sergipe. Em 1979, ela coordenou a publicação intitulada “*Divina Pastora: Renda Irlandesa e Redendê*”, considerada uma das primeiras referências bibliográficas sobre essa arte no Brasil. Nesse trabalho, Cedran registrou depoimentos de artesãs locais, contribuindo para a compreensão da origem e disseminação da técnica na região.

⁴ Violeta era diretora do Jardim de Infância Marechal Hermes em Botafogo/RJ.

⁵ Maria Engrácia dos Santos.

⁶ Hercília Theodória dos Santos.

⁷ Entrevista concedida à autora por Verônica Souza Leite, rendeira da Asderen, em 21 de Março de 2025.

Uma das principais particularidades da renda sergipana é a substituição do fitilho tradicional usado para fixar os pontos, pelo lacê⁸, conferindo uma maior resistência e durabilidade à renda irlandesa quando comparada com a renascença que tem semelhança com a renda irlandesa. Também conhecida por seu aspecto tridimensional, criado pelo relevo dos lacês e a combinação de pontos de preenchimento. Cada peça é única, pois a criação artesanal permite variações nos desenhos e no acabamento e até no ponto. “*A gente sabe quem fez a costura as vezes só de olhar o ponto. Também tem a questão da idade da costureira, as mais velhas têm um ponto perfeito, mas não variam, são sempre os mesmos pontos*”⁹. Sua confecção é um processo artesanal minucioso que envolve várias etapas, cada uma executada com precisão e paciência. O resultado final é uma peça delicada e ao mesmo tempo resistente.

Verônica Souza Leite¹⁰, rendeira há quase 40 anos e Cristina Beatriz Santos¹¹ de 21 anos, rendeira a pelo menos um ano, ambas igualmente apaixonadas pela arte é quem nos explica o passo a passo do modo de fazer a renda irlandesa.

A renda irlandesa requer uma certa preparação para iniciar a confecção. O primeiro passo é o risco do papel, em seguida cola-se o desenho sobre um papel mais firme que é costurado/alinhavado ao lacê. O lacê acompanha as formas do desenho, o próximo passo é preencher os espaços vazios entre os contornos do lacê utilizando os pontos¹² tecidos com agulha de costura e linha de algodão¹³. Desse modo são emendadas as partes contornadas com o lacê. Ao final do trabalho o papel que serviu de gabarito é destacado da arte e entra o acabamento da peça com os arremates finais e está pronta para ser comercializada.

⁸ O lacê, é um cordão achatado revestido por linhas de viscose ou poliéster, confere rigidez e brilho às peças distinguindo a renda irlandesa das demais. A ASDEREN conseguiu proporcionar às rendeiras um feito muito importante que foi a aquisição de uma máquina para feitura do lacê. Hoje as rendeiras fazem o próprio lacê e da cor que desejarem. Um dos obstáculos à criatividade se dava pela dificuldade de encontrar cores variadas do lacê.

⁹ Entrevista concedida à autora por Verônica Souza Leite, rendeira da Asderen, em 21 de Março de 2025.

¹⁰ Entrevista concedida à autora por Verônica Souza Leite, rendeira da Asderen, em 21 de Março de 2025.

¹¹ Entrevista concedida à autora por Cristina Beatriz Santos, rendeira da Asderen, em 21 de Março de 2025.

¹² Os pontos mais usados são 20 (vinte), mas a todo tempo entram mais no repertório das rendeiras.

¹³ A linha utilizada no fabrico da renda irlandesa é a mercer-crochet. Essa linha sofre um processo químico chamado de mercerização que trata o algodão com uma solução alcalina, tornando-o mais brilhante, resistente e com melhor absorção de corantes. Isso faz com que a linha tenha maior durabilidade, brilho, etc.

A introdução da renda irlandesa em Divina Pastora está diretamente ligada ao contexto socioeconômico da região no início do século XX. Famílias de senhores de engenho, como os Rollemberg, possuíam extensas propriedades e influência na região. Nas casas-grandes, os trabalhos de agulha eram uma prática comum, unindo senhoras e trabalhadoras na produção de bordados e rendas. Mesmo após a abolição da escravatura, os laços sociais estabelecidos no período colonial foram reelaborados, com novas formas de colaboração entre antigos senhores e trabalhadores livres, muitos dos quais continuavam vivendo e trabalhando nas terras das antigas elites açucareiras. (Dossiê IPHAN, pag.46-47)

Assim, o modo de fazer a renda nos dias de hoje é transmitido de geração em geração, geralmente entre as mulheres da família e também amigas, conhecidas e vizinhas preservando a tradição.

Trecho da entrevista com a rendeira Cristina¹⁴:

Ninguém na minha família sabe fazer renda. Eu fui convidada a trabalhar na Asderen de social mídia, aí sobrava tempo livre. Hoje eu rendo por terapia e também pra complementar a renda financeira. Tú vem por um motivo e fica por outros. Já tô aqui a mais de um ano e daqui saio mais não.

Veronica por sua vez iniciou o ofício aos dez anos, disse que via a mãe rendando e ficava interessada. Quando a mãe largava a renda ela pegava pra brincar. A mãe vendo alinhavou uma flor que foi sua primeira renda. Isso já vai quase 40 anos. “...*eu percebia que minha mãe ganhava dinheiro com aquilo que fazia. Eu gostava de rendar e queria ganhar dinheiro também*”¹⁵.

A renda irlandesa em Divina Pastora não é apenas uma técnica, mas uma expressão cultural carregada de significados históricos. Ela reflete a interação entre as elites e as camadas populares, atravessando mudanças nas estruturas sociais e econômicas e se adaptando às transformações culturais ao longo do tempo. Por meio desse diálogo intergeracional e social, a renda se consolidou como parte integrante do patrimônio cultural de Divina Pastora. “*eu vejo minha peça vestindo pessoas tão*

¹⁴ Entrevista concedida a mim no dia 21 de Março de 2025, na sede da ASDEREN em Divina Pastora. A entrevistada foi Cristina Beatriz Santos.

¹⁵ Entrevista concedida a mim no dia 21 de Março de 2025, na sede da ASDEREN em Divina Pastora. A entrevistada foi Veronica Souza Leite.

importantes e de outros lugares, as vezes é mais gratificante até que o dinheiro que a gente recebe”¹⁶.

2 - A patrimonialização e o fomento de emprego e renda em Sergipe

A Renda Irlandesa, reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial de Sergipe, preserva a história de artesãs e trabalhadores locais. Adaptada pelas rendeiras sergipanas, tornou-se uma expressão cultural única. Em 2009, foi declarado Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e, em 2019, recebeu o título de Patrimônio Imaterial de Sergipe pela Assembleia Legislativa de Sergipe (Alese).

Iphan

O processo de reconhecimento da renda irlandesa de Divina Pastora teve início em 20 de novembro de 2006 quando a Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora (Asderen) encaminhou uma solicitação à presidência do Iphan, iniciando formalmente o processo de reconhecimento. Seguido da identificação e levantamento preliminar do bem, reunindo informações sobre sua história, técnicas e importância cultural. Pesquisadores, órgãos governamentais e comunidades, como as rendeiras de Divina Pastora (Asderen), participaram dessa fase.

Após a etapa do levantamento, o Iphan realizou pesquisas aprofundadas para elaborar o Dossiê de Registro, documento que contém a história da arte, suas características singulares, relevância social e econômica, riscos de desaparecimento e registro audiovisual, além de consultas públicas que reforçam a importância do reconhecimento.

O Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural analisou o dossiê e decidiu sobre a inclusão do bem no Livro dos Saberes, oficializando assim seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. Após a aprovação, elaborou-se um Plano de Salvaguarda, com ações como capacitação de artesãs, incentivos financeiros, divulgação, apoio a feiras e monitoramento contínuo, garantindo a preservação e continuidade da prática.

¹⁶ Entrevista concedida a mim no dia 21 de Março de 2025, na sede da ASDEREN em Divina Pastora. A entrevistada foi Veronica Souza Leite.

Com a relatoria do conselheiro Ulpiano Bezerra de Menezes, durante 59ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Iphan¹⁷ foi aprovado por unanimidade o registro do ofício das rendeiras de Divina Pastora, com a inscrição no livro de Registro dos saberes, consolidando a Renda Irlandesa como Patrimônio Cultural Imaterial de Sergipe e do Brasil.

O processo¹⁸ apreciado foi protocolado pela Asderen em 20/11/2006. Abaixo trecho do relatório do conselheiro Ulpiano Bezerra de Menezes.

RELATÓRIO: A inicial do presente processo é uma solicitação, datada de 20.11.2006, em que a Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora, SE, com o endosso da Secretária de Educação e Cultura da Prefeitura desse município, o Vice-presidente do Conselho Municipal de Cultura e o Presidente de sua Câmara de Vereadores postulam o registro do ofício das rendeiras de Divina Pastora como patrimônio cultural imaterial. A anuência da comunidade de praticantes efetivos ou potenciais desse ofício se expressou nas 180 assinaturas recolhidas de fls. 214 a 395. O processo foi aberto formalmente em 29.01.2007 e teve tramitação adequada, atendendo a todas as exigências legais. Notadamente, saliento o consistente Parecer Técnico de Silvia Mana Ferreira Guimarães, do DPI (fls. 497 a 509), que dá conta das questões de fato e Ata da 59ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural - IPHAN mérito envolvidas e conclui por recomendar a inscrição do bem, agora identificado como "modo de fazer renda irlandesa, tendo como referência este ofício em Divina Pastora/SE", no Livro de Registro dos Saberes (seguindo orientação da Câmara do Patrimônio Imaterial, conforme consta das memórias de sua 8a. e 10a. reuniões, a fls. 417 e 438-439). Ata. da 59ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural – IPHAN, p. 31

Abaixo trecho do voto do relator, Ulpiano Bezerra de Menezes:

A vista de todo o exposto, voto favoravelmente ao deferimento da solicitação, recomendando a inscrição do modo de fazer renda irlandesa (tendo como referência este ofício em Divina Pastora - SE) no Livro de Registro dos Saberes, criado pelo Decreto no.3.551, de 4 de agosto de 2000. São Paulo, 25 de novembro de 2008. ULPIANO T. BEZERRA DE MENESES. Membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural"
Pag. 31 da Ata. da 59ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural – IPHAN. p. 31

Durante a sessão houve algumas contestações, entre eles a do conselheiro Silva Teles que questionou a confecção de renda irlandesa em outros municípios de Sergipe a

¹⁷ Reunião realizada no Rio de Janeiro no dia 27 de novembro de 2009.

¹⁸ Processo No.01450.001501/2007-52. INTERESSADO: Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora, SE.

exemplo de Areia Branca, Laranjeiras, Ilha das Flores, Riachuelo, Rosário do Catete, São Cristóvão e Santa Rosa de Lima.

A Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial, explicou que, inicialmente, a pesquisa focava apenas em Divina Pastora, ao perceber que a renda também era produzida em outros municípios, mas sempre com base no ensino das rendeiras de Divina Pastora, propôs-se o registro do Modo de Fazer Renda Irlandesa, em vez de limitar o reconhecimento à renda de Divina Pastora. Dessa forma, rendeiras de outras localidades também poderiam receber a certificação desse saber tradicional. (Ata p. 32) *“É no saber-fazer que se fundamenta a identidade do modo de fazer desta renda, ainda que em meio a várias transformações”* (Ata, p. 26)

Sobre a arte do ofício do Saber-Fazer

O atributo mais característico dessa atividade é o saber-fazer, portanto seu fortíssimo conteúdo corporal. O saber-fazer não é um conhecimento prático de natureza abstrata, puramente lógica. Ou um conhecimento sobre alguma coisa, sobre uma técnica, por exemplo. É fruto do que os especialistas chamam de memória hábito ou, então, de memória incorporada - no sentido forte da palavra, que implica numa mobilização daquele corpo que vai abrindo caminho para o cérebro. Ou melhor, reproduzindo as palavras de um dos pais fundadores da antropologia, Marcel Mauss, o homem é um ser capaz de pensar com suas mãos (p. 28 da Ata).

Reconhecendo a importância de preservar e promover a continuidade desse saber-fazer, o Iphan, em parceria com as comunidades locais e outras organizações, elaborou o Plano de Salvaguarda do Modo de Fazer Renda Irlandesa.

As medidas de salvaguarda visam proteger e promover os bens culturais e se relacionam ao contexto histórico e social em que essas práticas ocorrem. Nesse sentido, os planos de salvaguarda vêm sendo adotados não apenas no Brasil, mas também nos diversos países signatários dessa Convenção, como um instrumento de planejamento coletivo que visa nortear e potencializar as iniciativas de proteção, valorização, promoção e apoio aos patrimônios culturais de natureza imaterial. PLANO DE SALVAGUARDA p. 10.

Publicado em 2022, o Plano de Salvaguarda do Modo de Fazer Renda Irlandesa estabelece diretrizes para a proteção e valorização dessa tradição, garantindo sua transmissão às futuras gerações. Elaborado pelo Iphan em parceria com as comunidades detentoras do saber, o documento prevê ações como, reconhecimento dos artesãos por

meio de premiações, fortalecimento da identidade local através das oficinas e cursos, apoio a comercialização através de feiras e exposições por exemplo, pesquisas acadêmicas, criação de selos de autenticidade que conferem originalidade e qualidade ao produto, a exemplo dos usados nos charutos Habana oriundos de Cuba, incentivo ao turismo cultural com visitas a ateliês, acesso a recursos de crédito e/ou financeiros, exposições, parcerias institucionais e/ou governamentais a exemplo da visita do embaixador da Irlanda no Brasil¹⁹ que fortaleceu os laços culturais e promoveu novas oportunidades para as rendeiras.

Alese

A Lei Nº 8.586 de 2019, aprovada pela Assembleia Legislativa de Sergipe, proposta pelo deputado Garibalde Mendonça (MDB), reconhece a Renda Irlandesa de Divina Pastora como Patrimônio Cultural Imaterial institui o dia do profissional da renda. Esse marco foi resultado do esforço conjunto de artesãs, associações comunitárias, órgãos governamentais e pesquisadores.

A Lei que foi promulgada em outubro de 2019 dispõe sobre:

Art. 1º Fica declarado Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Sergipe o "Modo de Fazer Renda Irlandesa, tendo como referência este ofício na Cidade de Divina Pastora".

Art. 2º Fica instituído o Dia do Rendeiro e da Rendeira, a ser comemorado, anualmente, no dia 15 de julho.

Parágrafo Único. O Dia do Rendeiro e da Rendeira fica inserido no Calendário de Eventos do Estado de Sergipe.

O reconhecimento da Renda Irlandesa pela Alese trouxe visibilidade para o estado de Sergipe e principalmente para a cidade de Divina Pastora, beneficiando artesãos e impulsionando a valorização cultural, o empoderamento feminino e o turismo. Sua participação na Feira Nacional de Artesanato e Cultura (Fenacce) 2023 destacou seu potencial exportador, atraindo o interesse de países como Irlanda, China, Estados Unidos, Reino Unido, Japão e Áustria.

A atividade é uma importante fonte de sustento para muitas famílias, especialmente para mulheres, promovendo independência financeira e inclusão

¹⁹ Em junho de 2023, o embaixador da Irlanda no Brasil, Séan Hoy, visitou Divina Pastora (SE) para conhecer a renda irlandesa, cujo saber original se perdeu em seu país, e explorar intercâmbios culturais. A iniciativa, promovida pelo governo estadual via Seteem, incluiu uma cerimônia no Santuário Nossa Senhora Divina Pastora. Durante a visita, o embaixador conheceu o trabalho das artesãs e discutiu formas de cooperação para a valorização e preservação da tradição.

produtiva. O fortalecimento do associativismo e eventos como o Arraiá do Povo²⁰ 2024, que homenageou a renda na decoração e figurinos, ampliam sua visibilidade. A cantora Solange Almeida usou um vestido customizado pela estilista sergipana Carol Cajé, reforçando o prestígio do artesanato.

Além de gerar emprego e renda, a renda irlandesa fomenta o turismo cultural, impulsionando setores como hotelaria, gastronomia e comércio. Divina Pastora, reconhecida como centro dessa tradição, tem potencial para expandir o turismo de experiência, oferecendo oficinas e exposições sobre o saber-fazer artesanal. As parcerias com estilistas e designers têm levado a renda a grandes eventos, incluindo desfiles de moda e figurinos de artistas, ampliando seu alcance. Seu uso em decorações temáticas reforça a identidade cultural de Sergipe e fortalece a economia criativa no Brasil e no exterior. A Renda Irlandesa desempenha um papel fundamental na economia sergipana, combinando patrimônio, cultura e desenvolvimento sustentável. O apoio por meio de políticas públicas, incentivos ao artesanato e capacitação pode expandir ainda mais seus benefícios, assegurando sua preservação para as futuras gerações.

3 - Beatriz Góis Dantas, a Renda Irlandesa e a Cultura Sergipana

A Renda Irlandesa em Sergipe encontra em Beatriz Góis Dantas uma de suas principais estudiosas. A sergipana é antropóloga, folclorista, socióloga, escritora pesquisadora e professora emérita de antropologia da Universidade Federal de Sergipe. Ela analisou como a renda irlandesa e o saber fazer foram introduzidos no início do século XX em Sergipe e como que com o tempo esse saber foi apropriado e ressignificado por mulheres das camadas mais populares, especialmente em Divina Pastora.

A partir de uma abordagem etnográfica sensível, Dantas ilumina os sentidos atribuídos à renda pelas rendeiras, entre outras, analisou as formas de transmissão entre gerações, os desafios da inserção no mercado e a patrimonialização dessa prática. Ela tem papel fundamental na valorização e difusão do conhecimento sobre a arte em Sergipe e no Brasil. Ao longo de sua trajetória acadêmica, Dantas dedicou-se a investigar os aspectos históricos, sociais e simbólicos desse saber-fazer tradicional,

²⁰ O Arraiá do Povo é um evento cultural tradicional de Sergipe que celebra os festejos juninos, destacando a riqueza da cultura nordestina.

articulando-o às questões de identidade, pertencimento e patrimônio imaterial. Suas obras, como o catálogo *Renda de Divina Pastora: identidade e mercado* (1999), foram decisivas para dar visibilidade à renda como expressão da cultura popular e para sustentar sua candidatura ao reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro.

Beatriz Góis Dantas foi uma das primeiras pesquisadoras a defender a renda irlandesa como patrimônio imaterial, compreendendo que sua prática envolve não apenas a execução de uma técnica, mas também a expressão de memórias coletivas, identidades regionais e modos de vida compartilhados. Seus estudos contribuíram diretamente para o reconhecimento da renda pelo IPHAN e para o fortalecimento de políticas culturais voltadas à sua preservação.

Sua produção acadêmica se destaca também por abordar criticamente a relação entre tradição e modernidade. Dantas argumenta que a tradição não é fixa, mas sim um saber dinâmico, constantemente atualizado pelas rendeiras em seus cotidianos. Ao discutir os impactos da globalização, do turismo cultural e da mercantilização do artesanato, a autora evidencia as tensões entre a valorização simbólica e a exploração econômica da renda. Nesse sentido, ela alerta para a necessidade de políticas públicas que garantam condições dignas de trabalho e renda para as rendeiras, sem comprometer o valor cultural do ofício.

Outro aspecto importante em sua obra é a compreensão das rendeiras como agentes de memória e mudança. Dantas evidencia que essas mulheres não apenas preservam um legado, mas também reinventam continuamente a tradição, adaptando-a aos contextos contemporâneos e reafirmando identidades locais. A tradição, nesse caso, é entendida como estratégia de resistência cultural diante das transformações sociais e econômicas do mundo atual.

Além das contribuições teóricas, Beatriz Góis Dantas teve papel relevante em processos práticos de valorização da renda irlandesa. Seu trabalho subsidiou a construção de dossiê de registro, exposições culturais e a articulação de redes de artesãs, gestores culturais e acadêmicos.

Assim, destacar a contribuição de Beatriz Góis Dantas para os estudos sobre a renda irlandesa é reconhecer o papel da antropologia na valorização dos saberes populares e na promoção da diversidade cultural brasileira. Sua obra permanece como referência essencial para pesquisadores, educadores, gestores culturais e, sobretudo,

para as rendeiras que seguem construindo sua história com base na resistência, criatividade e transmissão de saberes.

Considerações Finais

A renda irlandesa de Divina Pastora é, antes de tudo, uma prática cultural profundamente enraizada na história e na vida cotidiana das mulheres sergipanas. Mais do que uma técnica artesanal, ela constitui uma forma de expressão social que articula passado e presente, tradição e adaptação, identidade e território.

Ao longo do tempo, esse saber-fazer foi apropriado por diferentes gerações de rendeiras que, por meio da transmissão oral e da prática cotidiana, mantêm viva uma herança coletiva, atualizando-a diante das mudanças sociais e econômicas. A renda se tornou, assim, não apenas meio de subsistência, mas também espaço de criação, afirmação cultural e valorização do trabalho feminino.

O reconhecimento da renda como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e de Sergipe representa um avanço importante na preservação desse bem cultural. No entanto, esse reconhecimento precisa ser acompanhado por ações concretas de apoio às artesãs, incentivo à produção local e políticas públicas que garantam a continuidade dessa prática de maneira sustentável.

A obra de pesquisadoras como Beatriz Góis Dantas contribuiu de forma decisiva para a valorização da renda, ao revelar sua complexidade histórica, social e simbólica. Seu trabalho nos permite compreender que o fazer artesanal não é apenas técnica, mas também memória, experiência e construção de sentido. Nesse contexto, a renda irlandesa de Divina Pastora reafirma-se como parte essencial do patrimônio cultural brasileiro — um saber construído e compartilhado, cuja permanência depende da valorização ativa de seus sujeitos e de suas histórias.

Fontes

Ata do IPHAN. Reunião realizada no Rio de Janeiro no dia 27 de novembro de 2009.

Entrevista concedida à autora por Cristina Beatriz Santos, rendeira da Asderen, em 21 de Março de 2025.

Entrevista concedida à autora por Verônica Souza Leite, rendeira da Asderen, em 21 de Março de 2025.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2023.

Processo No.01450.001501/2007-52. INTERESSADO: Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora, SE.

Referências

DANTAS, Beatriz Góis (Org.). *Renda de Divina Pastora: identidade e mercado*. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 1999.

_____. *Tradição e modernidade na cultura popular: folclore e políticas culturais no Brasil*. São Paulo: Global, 2000.

_____. “Renda irlandesa de Divina Pastora: entre o mercado e a tradição”. In: *Patrimônio Imaterial: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: CNFCP/Iphan, 2005.

Digitais

<https://www.se.gov.br/noticias/festejos-juninos/arraia-do-povo-segue-ate-o-dia-11-de-julho>

https://www.se.gov.br/noticias/governo/governo_traz_diplomata_a_sergipe_para_repatricao_da_renda_irlandesa?utm_source

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer_Modo_de_Fazer_RENDA_IRLANDESA_SE.pdf

http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/2008_04_59a_reunio_ordinria_27_de_novembro.pdf

<https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/modo-de-fazer-renda-irlandesa-ganha-plano-de-salvaguarda>

http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/manual_planos_de_salvaguarda.pdf

<https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/2790805258/lei-8586-19-se>

<https://www.sergipetradetour.com.br/noticias/Renda-Irlandesa-de-Divina-Pastora-e-revalidada-como-Patrimonio-Cultural-do-Brasil/77>

<https://www.dicyt.com/noticia/ecoturismo-e-artesanato-de-renda-irlandesa-em-sergipe>

<https://al.se.leg.br/renda-irlandesa-declarada-como-patrimonio-imaterial-de-sergipe/>

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/834>

<https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2013/04/renda-irlandesa-de-divina-pastora-em-sergipe-recebe-reconhecimento.html>

<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4593/renda-irlandesa-se-do-risco-de-extincao-a-sustentabilidade>

<https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/cirio-de-nazare-e-modos-de-fazer-queijo-minas-e-renda-irlandesa-sao-revalidados-pelo-iphan>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2023-02/conheca-renda-irlandesa-patrimonio-cultural-do-brasil>

<https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/modo-de-fazer-renda-irlandesa-ganha-plano-de-salvaguarda>

<https://manguejornalismo.org/a-renda-irlandesa-de-divina-pastora-e-o-unico-patrimonio-imaterial-sergipano-registrado-no-iphan-outras-seis-expressoes-locais-poderiam-ser-inscritas/>

https://www.se.gov.br/noticias/governo/renda_irlandesa_produzida_em_sergipe_chama_atencao_do_embaixador_da_irlanda_no_brasil

https://bicentenario.se.gov.br/noticias/governo/renda_irlandesa_produzida_em_sergipe_e_destaque_na_5_feira_nacional_de_artesanato_e_cultura

https://portal.unit.br/blog/noticias/a-renda-da-irlanda-que-foi-adoptada-como-patrimonio-sergipano/?utm_source

https://www.se.gov.br/noticias/sergipe-pais-do-forro/renda_irlandesa_recebe_reconhecimento_mercedo_no_arraia_do_povo_2024?utm_source

<https://aleselegis.al.se.leg.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/L85862019.html>

<https://www.se.gov.br/noticias/governo/renda-irlandesa-tradicao-e-delicadeza-fizeram-divina-pastora-conhecida-no-mundo>